

Check de Biodiversidade – Conceitos de formação individuais para viticultores

Introdução, Explicação e Orientações

Os ecossistemas fornecem à espécie humana muitos recursos naturais e serviços. Na Europa e no mundo, dois terços de todos os ecossistemas estão em risco devido à sobrexploração. Os especialistas estimam que, na atualidade, a perda de espécies ocorra a uma taxa 1000 vezes superior à da taxa de extinção natural. As empresas e os agricultores dependem dos serviços dos ecossistemas e dos recursos naturais e, por isso, dependem da biodiversidade.

Na viticultura, os elevados níveis de biodiversidade no solo e entre as linhas são essenciais para a saúde das vinhas e para a qualidade e o sabor do vinho. No entanto, esta cultura também é feita de modo intensivo – com tratamentos de proteção das plantas até 20 vezes, solos não cobertos expostos à erosão, doses elevadas de nutrientes e ausência de elementos verdes como árvores, sebes ou áreas de flores no interior da vinha. Existem muitas formas de apoiar a biodiversidade nas vinhas, na adega, na distribuição e no marketing, para minimizar e mitigar os efeitos negativos das atividades humanas.

O que é um Check de Biodiversidade?

O Check de Biodiversidade oferece uma primeira visão individual sobre o tema da biodiversidade e, deste modo, constitui a base para a integração da biodiversidade na gestão e para a adoção de medidas para o uso sustentável de recursos e para a proteção da natureza. O check é usado para examinar as diferentes áreas da exploração, como a gestão, a vinha, as compras, as vendas, etc., relativamente aos efeitos sobre a biodiversidade. A novidade é o facto de serem considerados não só os impactos diretos da vinha/exploração, como também os efeitos indiretos que podem ocorrer ao longo da cadeia de abastecimento, como a sustentabilidade dos materiais utilizados, o marketing, as vendas, etc. O check identifica os pontos de contacto entre a exploração e a biodiversidade e oferece sugestões de objetivos e medidas para reduzir os riscos e os impactos negativos. É um instrumento interno e não constitui uma certificação. No entanto, os agricultores podem comunicar que participaram no check, mas a indicação de atividades e projetos realizados para apoiar a biodiversidade deve ser uma prioridade.

A quem se dirige?

Quem deve fazer o check? O check dá aos viticultores a possibilidade de receberem um conceito de formação individual em biodiversidade, mostrando os seus pontos fortes e os fracos e definindo objetivos e medidas para aumentar o

desempenho da biodiversidade. Além disso, os viticultores recebem também formação para a aplicação do seu conceito individual.

Quem vai aplicar o check? O check foi elaborado no âmbito do projeto “Parceria Europeia para a Proteção da Biodiversidade na Viticultura”, apoiado pelo programa da União Europeia Erasmus+. No âmbito do projeto, os parceiros receberam formação sobre os procedimentos do check e são bons contactos. Contudo, o check é elaborado de forma a que outras organizações de proteção da natureza, técnicos das empresas e associações de viticultores/agricultores, professores de escolas agrárias, conselheiros agrícolas ou outros que não tenham participado no projeto possam também o aplicar.

Orientações para a aplicação do Check

Elementos do Check de Biodiversidade para viticultores

- Guião de entrevista, que serve de base para uma conversa estruturada sobre o inventário da exploração.
- (Confidencial) Conceito individual de formação em biodiversidade para mostrar os pontos fortes e os pontos fracos do produtor, definir objetivos e medidas para melhorar o desempenho da biodiversidade.
- Formação dos viticultores para a aplicação do seu conceito individual.

O que se analisa?

1. Gestão
2. Cultivo e Produção na Vinha
3. Estruturas ecológicas na vinha, áreas de interesse ecológico
4. Colheita, adega e vinificação
5. Engarrafamento / Embalagem
6. Vendas / Logística
7. Energia / Água / Saneamento / Resíduos
8. Área circundante / Instalações
9. Marketing/Comunicação

Procedimentos

1. Enviar antecipadamente o guião da entrevista, para que os produtores tenham uma primeira impressão do tipo de questões que lhes serão colocadas e possam reunir dados e números, caso seja necessário.
2. Encontro com o produtor: o guião da entrevista serve de base para uma conversa estruturada sobre o inventário da exploração. Além disso, devem ser feitas visitas aos campos, às áreas de interesse ecológico, à adega, etc.



3. Deve fazer-se o primeiro esboço do conceito individual.
4. Segundo encontro com o produtor, para discussão do conceito individual, dos primeiros resultados e opções.
5. Finalização do conceito de formação individual
6. Formação dos produtores na aplicação do seu conceito individual.

O check está disponível em línguas diferentes

- Inglês: uma abordagem geral, para ser usado em países onde o check ainda não foi adaptado.
- Alemão, Espanhol, Português e Turco: o check foi ajustado às condições de cada país. Nota: o check da Turquia põe o foco na produção de sultanas, pelo que várias partes do capítulo sobre a produção de vinho não são consideradas.

Guião da entrevista – Informação de base – porque é preciso fazer estas perguntas?

Dados empresariais, aspetos gerais e outros rendimentos

Nesta parte recolhemos dados, informações sobre a principal atividade da exploração, (por ex., vinho ou turismo), tamanho da exploração e tipo de propriedade, método de cultivo (biológico, ...) e normas ou certificações relativas à sustentabilidade, rendimento anual e quantidade de uvas provenientes de outras explorações, para perceber o modelo empresarial da exploração. Aspetos gerais como a altitude, a precipitação, declives e o tipo de solo dão uma visão geral da exploração e do modo de trabalhar.

Para aplicar um conceito de formação à medida, são necessários alguns dados básicos, para se perceber o conceito empresarial da exploração ou vinha. Estes dados fornecem um panorama das atividades da empresa e ajudam a definir o âmbito da formação, permitem uma primeira estimativa dos impactos sobre a biodiversidade e ajudam a perceber o potencial para a aplicação de medidas. Algumas notas:

- Os padrões, rótulos, certificações e critérios de compra dos retalhistas orientam a política de uma exploração e podem incluir aspetos de biodiversidade.
- As pequenas explorações têm menos impacto na biodiversidade; a formação tem de ser definida em conformidade.
- Se a terra não é propriedade do agricultor, a implementação de medidas pode ser limitada.
- O rácio entre área cultivada e rendimento anual permite estimar o conceito de negocio da exploração entre produção em massa de vinhos em casco e rendimento reduzido e qualidade seleccionada.
- Se as uvas forem compradas a outros produtores, o impacto da exploração atinge a exploração de origem. Isto tem de ser tido em conta no conceito de formação.



Parte 1: Biodiversidade na Gestão

O objetivo geral desta formação é incentivar a integração da biodiversidade na gestão da exploração e uma gestão da biodiversidade a longo prazo. As questões desta parte visam o conhecimento e aspetos de gestão já aplicados. Os casos de negócios são importantes para as empresas e apoiam a gestão da biodiversidade. Por isso, fazemos perguntas relativas aos riscos e às oportunidades relacionadas com a biodiversidade. Em explorações maiores, as ações para a biodiversidade irão facilitar a recertificação do EMAS ou da ISO 14001, nos casos em que for mais importante. O mesmo também se aplica aos fornecedores de cascos, tanques, máquinas, papel, etc.

A reflexão sobre o próprio trabalho e atividades é um objetivo importante para um instrumento de formação, daí que seja útil fazer uma discussão alargada a este propósito.

Parte 2: Cultivo e Produção na Exploração

Vinha / Cultivo / Variedades de uvas

Neste capítulo, aborda-se o aspeto da biodiversidade genética, ou seja, a agrobiodiversidade. Tradicionalmente, as variedades distintas ou as misturas dessas variedades são características de muitas regiões e chegam a definir marcas ou destinos vinícolas (Bordéus, Rioja, Chianti, Mosel). Hoje, com a globalização do mercado, há maior flexibilidade, mas as castas tradicionais são substituídas de acordo com as exigências dos consumidores e a perda de variedades é óbvia. É importante utilizar diferentes variedades e promover as variedades tradicionais.

Neste capítulo também se aborda a estrutura da paisagem e a implantação da exploração na paisagem. O rendimento por hectare e a quantidade de vinha produzida permitem estimar a intensidade do cultivo agrícola. Esta secção aprofunda as estratégias de marketing da empresa. O facto de uma exploração ter rendimentos reduzidos e qualidades muito altas ou uma boa qualidade e uma clientela preocupada com os preços também tem consequências para a biodiversidade. Neste capítulo, os produtores irão refletir acerca dessas consequências e acerca da definição de uma gestão da biodiversidade.

Cobertura do solo das vinhas

O impacto mais significativo que uma exploração tem na biodiversidade está na própria área da exploração e a extensão de uma determinada exploração é proporcional ao seu impacto sobre a biodiversidade.

A vinha é uma cultura permanente e, ao contrário das culturas de lavoura, tem um tempo de produção de 50 anos ou mais. Dependendo da geografia, da geologia e de outros fatores abióticos, uma vinha ideal será uma pastagem verde, biodiversa, ecológica e de longa duração, com uvas produzidas com um impacto negativo muito reduzido sobre a biodiversidade. A estrutura da própria vinha e as estruturas de habitat adicionais podem promover a biodiversidade.

Tradicionalmente, a produção de vinho era muito favorável para a biodiversidade e a paisagem de vinha estava entre as paisagens humanas mais diversificadas do mundo. A gestão da cobertura do solo é, portanto, um dos aspetos mais importantes de um programa de formação para a biodiversidade. É possível analisar em que



medida é que uma exploração consegue aproximar-se da situação ideal apresentada.

A gestão da cobertura do solo é complexa, por isso aqui o método apropriado será pedir uma descrição completa ao produtor ou responsável pelo cultivo. A cobertura do solo pode ser permanente ou sazonal, espontânea ou artificial, total ou parcial em extensões diferentes, lavrada ou totalmente intocada. Se forem usadas misturas de sementes, é importante conhecer a sua origem.

A gestão do solo e da vegetação debaixo das faixas de vinha e nas orlas também deve ser analisada, pois aqui os espaços podem permanecer após o corte ou o mulching. O tempo de corte pode evitar impactos diretos sobre os artrópodes. É muito importante que os produtores se apercebam disto. A gestão da cobertura do solo é complexa e difere consoante o clima e a região. Nesta parte acentua-se a necessidade de os produtores partilharem práticas.

Lavoura

O tratamento do solo é importante para prevenir a erosão, para proteger o solo e a biodiversidade do solo. O tratamento do solo tem impacto na gestão de nutrientes e no conteúdo de húmus. Atualmente, a lavoura não é um método convencional. O tratamento reduzido leva a uma redução da conversão da matéria orgânica no solo e permite o aumento da percentagem de húmus. Os produtores aplicam algum tratamento na primavera para ativar o azoto na matéria orgânica do solo. A falta de tratamento pode não ser benéfica para a biodiversidade, pois pode originar uma cobertura vegetal dominada por ervas, pobre em biodiversidade. Assim, nesta secção, os produtores aprendem a refletir sobre as práticas agrícolas e obtêm sugestões para as alterar.

Gestão de nutrientes

A gestão de nutrientes tem um impacto significativo na biodiversidade no solo e acima dele. A utilização extensiva de fertilizantes artificiais ameaça a biodiversidade do solo e impede os processos naturais. A gestão de nutrientes está regulada na Europa, para evitar impactos graves na natureza e no ambiente. No entanto, mesmo de acordo com essas regulamentações, ainda são aplicados fertilizantes para nutrir as plantas e conseguir obter rendimentos mais elevados. O excesso de nutrientes favorece as comunidades de plantas que não apareceriam naturalmente. Aqui, a aplicação de matéria orgânica e de uma cobertura vegetal adequada promove processos biológicos naturais. O teor elevado de húmus também é benéfico e ajuda a reduzir a necessidade de fertilizantes artificiais. Os produtores de vinha biológica, combinando a redução de rendimentos com a melhor qualidade, conseguem dispensar os fertilizantes (orgânicos) adicionais em algumas situações. Assim, esta secção visa a gestão de nutrientes da exploração e a aprendizagem e o repensar das práticas atuais.

Gestão de pragas

A utilização de agroquímicos tem como objetivo, na prática, a eliminação da biodiversidade da cultura. Apesar da gestão integrada de pragas, da existência de produtos específicos para cada espécie ou para cada género, da aplicação cuidadosa e responsável, a verdade é que os princípios ativos usados na agricultura não biológica são venenosos para as plantas e para os animais selvagens e

eliminam a maior parte da biodiversidade das culturas. Por isso, é fundamental utilizar um método para minimizar e evitar a aplicação de agroquímicos. Devem ser consideradas todas as técnicas que reduzem o impacto da aplicação. Por ex., pulverização quando os insetos voadores não estão ativos, tratamento mecânico das ervas daninhas, etc. Os neonicotinóides, o glifosato e outras substâncias suspeitas não devem ser utilizados. Não deve ser feita qualquer aplicação fora da zona de cultivo. Apesar de todas as críticas à utilização do cobre na viticultura biológica, não existem evidências de que o cobre prejudique a biodiversidade. Nesta secção, pede-se aos produtores que reflitam sobre a gestão de pragas e aprendam acerca de alternativas que também podem ser aplicadas no seu ambiente.

Parte 3: Estruturas ecológicas no interior das vinhas, áreas de compensação de biodiversidade

Este capítulo é sobre as infraestruturas ecológicas na exploração, as avaliações de biodiversidade, as atividades de conservação e as medidas de proteção de espécies aplicadas. Conhecer, respeitar e preservar as espécies de animais e plantas existentes na exploração e áreas adjacentes é um primeiro aspeto a incluir.

A identificação dessas espécies e, se possível, a sua monitorização, i.e., observar e contar anualmente as alterações, é um bom meio para refletir sobre as próprias atividades. Conhecer, respeitar e conservar as áreas protegidas junto da exploração é fundamental para prevenir danos futuros. O principal objetivo é permitir que haja o maior número possível de estruturas ecológicas nas vinhas. As fotografias aéreas podem ajudar a identificar possíveis melhorias. Terras em pousio, áreas usadas de forma extensiva ou parcelas de terreno não utilizadas constituem também boas oportunidades para a biodiversidade. A gestão de espécies invasivas, uma das principais ameaças à biodiversidade em todo o mundo, é também abordada aqui.

Os produtores podem aprender acerca do modo de lidar com uma determinada porção de terra destinada à biodiversidade, segundo as atuais regulamentações da UE (por exemplo, medidas para o *greening* na terra arável: 5%).

Parte 4: Colheita, Envelhecimento e Vinificação e Parte 5: Engarrafamento / Embalagem

Na vinificação, são autorizados vários aditivos e produtos. A lista para a vinificação biológica foi verificada, tendo em conta os possíveis impactos na biodiversidade. A viticultura convencional permite mais aditivos. Aqui, o objetivo é identificar as substâncias com impactos negativos na biodiversidade antes ou depois da sua utilização na vinificação e a possibilidade de os substituir por produtos não nocivos. Em geral, os viticultores deviam tentar comprar produtos amigos do ambiente. Os produtores de tanques dispõem de certificações e esquemas de gestão ambiental (EMAS, ISO 14001), os cascos de madeira e o cartão usado na embalagem podem ser originários de florestas com gestão sustentável e podem também ser certificados. O vidro é produzido a partir de areia, logo, a partir de habitats naturais, e algumas qualidades de areia já são escassas na Europa. A redução do uso do vidro, utilizando garrafas mais leves de vidro reciclado, irá reduzir esta pressão.

Assim, os viticultores aprendem acerca dos impactos da biodiversidade na cadeia de abastecimento de uma exploração e acerca da forma de os gerir.

Parte 6: Vendas / Logística

Que aspetos ambientais se relacionam com o transporte dos produtos? Existe alguma preocupação ou gestão a este respeito? Viagens de garrafas pesadas, de camião, por muitos quilómetros? Venda de vinho em tanques para exportação e embalagem no destino (só faz sentido, naturalmente, se as garrafas forem produzidas noutro país).

Parte 7: Energia / Água / Saneamento

O consumo de água tem uma relação direta com o aquecimento global e, por isso, com outro dos principais impactos sobre a biodiversidade. Os viticultores podem contribuir para atenuar as alterações climáticas através da redução do uso de energias fósseis. A escassez de água e as mudanças na previsibilidade de água disponível estão a tornar-se um assunto cada vez mais sério nos países do Mediterrâneo. O uso racional da água e de técnicas de irrigação modernas deve, pois, ser feito sempre que possível. A gestão de efluentes e de resíduos sólidos diz respeito a estes aspetos importantes. Aqui, os produtores aprendem a refletir sobre estas questões e sobre a adaptação das suas práticas atuais.

Parte 8: Área envolvente / Instalações

As adegas dispõem muitas vezes de instalações muito grandes. Isto pode ser aproveitado para mostrar medidas de biodiversidade nas vinhas e para mostrar a gestão da biodiversidade na exploração. Quando se prevê o desenvolvimento da construção, devem ser consideradas medidas de redução do impacto sobre a biodiversidade logo na fase de planeamento. A compensação da biodiversidade é um bom método para reduzir os impactos maiores. Em alguns países da Europa, isto está regulamentado por lei. Noutros países, recomendam-se medidas voluntárias. Quaisquer medidas que tenham em vista maior biodiversidade são também úteis nas instalações da empresa, mesmo que as áreas maiores sejam as de cultivo. Aqui, os produtores aprendem acerca das relações entre a sua gestão da biodiversidade e a comunicação.

Parte 9: Marketing / Comunicação

A introdução do tema da biodiversidade no marketing bem como na comunicação interna e externa irá facilitar a gestão da biodiversidade no seu conjunto. As espécies características e/ou ameaçadas podem ser usadas para focar a comunicação da gestão da biodiversidade. Isto sublinha a credibilidade da exploração, cuja imagem sai beneficiada. E muito pode ser feito sem a necessidade de recursos adicionais. Os clientes, os fornecedores e outros parceiros podem ser

informados dos novos resultados. A formação dos trabalhadores da exploração é fundamental quando se introduzem novas práticas que alteram os fluxos de trabalho habituais. Aqui, os produtores aprendem a refletir acerca disto e a ter em conta questões de aprendizagem relacionadas com o seu negócio.

Informação de enquadramento - “Conceito individual de formação em biodiversidade”

Este documento dá feedback ao produtor acerca do desempenho da biodiversidade. Todas as áreas analisadas com o guião da entrevista serão resumidas, avaliadas e serão objeto de recomendações. Além disso, será elaborado um plano individual de ação para a biodiversidade. Este consiste na lista de medidas a adotar, resultante das conclusões a que se chegou, com um calendário de implementação e a indicação da importância para a biodiversidade. De acordo com este plano de ação, e juntamente com o “conselheiro”, o produtor recebe um roteiro sobre a forma como o seu desempenho em biodiversidade pode ser melhorado. A equipa do projeto elaborou um esquema para os conceitos de formação individual. Os “conselheiros” podem usar este esquema e inserir a informação necessária. A castanho é indicada a informação que deve ser editada.



Direito autoral

Este documento foi elaborado pelos parceiros do projeto “Partnership for Biodiversity Protection in Viticulture in Europe” (Parceria Europeia para a proteção da Biodiversidade em viticultura) e pode ser descarregado e utilizado por qualquer pessoa de forma gratuita, desde que não prejudique a sua importância e com o compromisso de citar os autores.

Membros da Parceria: Bodensee-Stiftung | Global Nature Fund | ECOVIN | Fundación Global Nature | La Unió de Llauradors | Quercus Associação Nacional de Conservação da Natureza | ADVID - Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense | Rapunzel Organik tarmi Ürünleri ve Gıda Tic. Ltd. Sti.

No entanto, este documento está sujeito à seguinte licença:



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA, <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/legalcode.pt>):

Ao compartilhar ou adaptar, deve referir-se ao projeto ou nomear todos os membros da parceria.

As imagens e logotipos neste documento não estão sujeitos à licença CC-BY-NC-SA. Os logotipos são de propriedade da respectiva organização, as imagens são de propriedade das pessoas / institutos mencionados nos créditos da imagem.

Imprint

Este Guião de Entrevista faz parte do Check de Biodiversidade, um módulo de formação em biodiversidade desenvolvido no âmbito do projeto “Parceria Europeia para a Proteção da Biodiversidade na Viticultura”.

Parceiros do projeto

Alemanha



Lake Constance Foundation

Dr. Kerstin Fröhle

Kerstin.froehle@bodensee-stiftung.org



Espanha

La Unió

José Castro León

jcastro@launio.org



Global Nature Fund

Dr. Thomas Schaefer

schaefer@globalnature.org



Portugal

Quercus

Paula Lopes da Silva

paulasilva@quercus.pt



Ecovin - Federal Association of Organic Viticulture

Ralph Dejas

r.dejas@ecovin.de



ADVID – Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense

Cristina Carlos

cristina.carlos@advid.pt

Espanha



Fundación Global Nature

Ernesto Aguirre y Jordi Domingo

eaguirre@fundacionglobalnature.org

jdomingo@fundacionglobalnature.org



Turquia

Rapunzel Organik Tarim Urunleri

Sahin Ince

sahin.ince@rapunzel.com.tr

emrah.dagedeviren@rapunzel.tr

Financiamento:

 Cofinanciado pelo Programa Erasmus+ da União Europeia

“Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação reflete os pontos de vista dos seus autores. A Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer utilização da informação aqui contida.” Projecto nº: 2015-1-DE02-KA202-002387